

PAN

Então só eu num quarto, só eu atendido e nem tão rápido.

É... Só eu e um fardo, sem toques, sem abraços, empacotado.

Só.

Isolado.

Só eu e este fato complicado...

Agonia, tristeza, dor, calor, CALOR, HAUSTOS... HAUSTOS...

Um corpo em pausa. Chumbado.

Só eu e a VIDA, as suas sutilezas, a sua quintessência...

Um soco encostado no queixo, escorado no braço,
que apoiado na perna me flagra na dissolução dos conceitos.

Só eu e este mundo,

um tudo de pessoas que me leem na palavra espelho,
que vibram feito eu para que a vida vença o caos,
o corpo vença a matéria e a verdade o invisível.

Silencio.

Agora mais calmo... uma gota, um respaldo.

Os olhos se abrem... É dia... É alto.

Entoam pássaros no varal elétrico.

A fresta do sol invade a janela,

Borboleta em minha face.

“ACHOU SUA FLOR, PEQUENINA?”

De minha gota compartilha.

Tão visível, tão linda!

De repente eu que era só,
simples aventureiro de idas e vindas,
descobri, lá no fundo da experiência,
lá no âmago da sapiência,
bem no plexo das emoções

o motivo de uma vida brevemente isolada:

olhar o mundo do avesso e aceitar,
ainda que sem entender,
a potência positiva do caos.

Agora é olhar para frente,
ter mais ciência futura,
tanto mais consciência da luta,
aperfeiçoar a arte do cuidado
e lembrar, com gratidão, todos os sacrifícios.

Agora é sentir-se mais gente,

manter-se prudente, transpor as dunas,
pois quando de fato surgir a cura
e soerguer a VIDA, sorridente, uma a uma,
olharemos para o poente em paz e fortaleza,
ciciando na breve brisa
toda a força construída
ao novo tempo que nos espera.